



IX Simpósio Nacional de História Cultural
Culturas – Artes – Políticas: Utopias e distopias do mundo contemporâneo
1968 – 50 ANOS DEPOIS
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT
Cuiabá – MT
26 a 30 de Novembro de 2018

PÓS-COLONIALISMO, COLONIALIDADE E PENSAMENTO
DECOLONIAL: AS AMARRAS COLONIAIS E A RESISTÊNCIA DOS
POVOS SUBALTERNIZADOS

Elaine Borges Rodrigues¹
Ana Iara Dalla Rosa²

INTRODUÇÃO

Presenciamos e ouvimos relatos diariamente de atitudes racistas, preconceituosas, que subalternizam o outro, e diminuem suas características étnicas, históricas ou econômicas. Situações como estas, nos levam refletir sobre o mundo em que vivemos, em que supostamente estaria livre da “escravidão”, mas ainda se mantém carregado de amarras coloniais.

Diante disso, o objetivo desse artigo consiste em discutir sobre a corrente de pensamento denominada pós-colonialismo, colonialidade do poder e pensamento

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/CUR/PPGEdu), professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino de Pedra Preta – Mato Grosso. Licenciada em Pedagogia pela UFMT/CUR. Membro do grupo de pesquisa Alfabetização e Letramento Escolar. Email: elaine_rodrigues@hotmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/CUR/PPGEdu), professora da Rede Estadual de Ensino de Rondonópolis - Mato Grosso. Licenciada em Ciências Biológicas pela UFMT/CUR. Membro do grupo de pesquisa Alfabetização e Letramento Escolar. Email: anaiaradallarosa@gmail.com

decolonial, tendo este último como proposta para a desconstrução das amarras coloniais e o fim de relações que subalternizam o outro.

A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica de autores que discutem o assunto aqui proposto. O texto é dividido em seções, a primeira discutirá a corrente de pensamento chamada pós-colonialismo e a literatura decolonial, com os autores Bhabha (1998), Bonnici (2009) e Silva (2000). A segunda irá versar sobre a colonialidade que ainda exerce poder sobre nós a partir de Grosfoguel (2009) e Quijano (2009), e sobre a perspectiva decolonial entendida como necessária em nosso meio para a valorização do subalterno e o desmonte da influência colonial a partir de Mignolo (2004, 2007, 2009, 2014 e 2017).

Assim, buscamos compreender por meio desse estudo as influências coloniais presentes nas relações pessoais que recaem sobre o negro subalternizado, e a proposta decolonial como fonte de valorização desse povo e o respeito às suas características.

PÓS-COLONIALISMO E A LITERATURA PÓS-COLONIAL

O pós-colonialismo, como o próprio termo se refere, consiste no momento vivenciado após o colonialismo, que foi um período de exploração cultural e territorial causada pela expansão europeia há uns 500 anos atrás (BONNICI, 2009). Segundo o autor, esse tempo foi de opressão e dominação de um povo sobre outro, dos brancos sobre negros e índios, com o intuito de enriquecer uma classe dominadora e esgotar os homens e mulheres escravizados até o último suspiro. O autor afirma que “o colonialismo, portanto, gira em torno de um pressuposto no qual o poderoso *centro* cria sua *periferia*” (Idem, p. 230, grifo do autor), ou seja, uma parcela da sociedade domina todo o restante edificando suas riquezas a partir da escravização do outro, criando dois grupos diferentes social, cultural e economicamente.

Nesse período surgem o colonizador, e o colonizado. Sobre isso, Bonnici (2009, p. 228) salienta que a situação de colonizado era ainda mais grave para aqueles diferentes racialmente, como os aborígenes da Austrália e os hotentotes da costa Africana, pois “entre o colonizador e o colonizado havia o fator *raça*, que construía um relacionamento injusto e desigual”, o que justificou o regime escravocrata no século XVI e a exploração dessa gente para servir ao homem branco europeu.

A corrente de pensamento denominada pós-colonialismo se inicia no século XX, num contexto em que milhares de pessoas se encontravam em situações de discriminação dos seus direitos fundamentais, submissas e subalternizadas pelas forças do colonialismo europeu que as tornam desiguais e inferiores umas às outras, em relação à política, à condição social e à cultura. Silva (2000, p. 92) descreve o pós-colonialismo como um

Movimento teórico que tem como objetivo analisar o complexo das relações de poder entre as diferentes nações que compõem a herança econômica, política e cultural da conquista colonial europeia. A análise pós-colonialista concentra-se, particularmente, na literatura metropolitana, para examinar as relações de poder envolvidas no processo de construção da alteridade dos diferentes povos colonizados.

É possível compreender esse período como um espaço criado pelo sujeito subalternizado para a denúncia e resistência ao processo colonizador. Ou seja, os pós-colonialistas “formulam suas revisões críticas em torno de questões de diferença cultural, autoridade social e discriminação política a fim de revelar os momentos antagônicos e ambivalentes no interior das ‘racionalizações’ da modernidade” (BHABHA, 1998, p. 239).

Nesse contexto surge a literatura pós-colonial. Bonnici (2009) salienta que as literaturas pós-coloniais surgiram da produção literária dos povos colonizados diante da experiência de colonização, que denunciavam as tensões e as diferenças entre o colonizado e o poder imperial.

O autor ainda menciona três momentos importantes da literatura pós-colonial. No primeiro, os textos literários eram produzidos pelos representantes do poder colonial, como viajantes, administradores e religiosos. O segundo momento é marcado pela produção literária dos nativos sob supervisão colonial, sendo eles os religiosos nativos, a classe intelectual educada e os protegidos dos colonizadores. Por fim, no terceiro período as produções são dos nativos e com diferenciação dos padrões metropolitanos, seguindo assim até a total ruptura (BONNICI, 2009).

Todo esse movimento foi de extrema importância para o pensar sobre a desconstrução do colonialismo, marcando o início de uma nova perspectiva de olhar e viver no mundo, mas que infelizmente ainda se constitui numa luta constante.

A COLONIALIDADE E A PERSPECTIVA DECOLONIAL

De acordo com Aníbal Quijano (2009), surge na América a partir da exploração e colonização europeia, uma divisão “racial” dos seres humanos que contagiou o mundo todo, separando os indivíduos em dominantes ou superiores - ‘europeus’ e os dominados ou inferiores - não ‘europeus’, sendo que os dominantes eram de *raça branca*, e dominados aqueles de *raças de cor*. Esse período foi marcado por muita **dor** dos povos subalternizados e marginalizados por uma elite que possuía o poder.

O processo colonizador é descrito por Darcy Ribeiro (2015) como violento, coercitivo, desumano e deculturador. Para o autor, um povo submetido à tais condições é desapropriado de si, deixando suas raízes durante o processo de transfiguração. Ribeiro (2015, p. 185) ainda salienta que ainda vivemos sob o comando do colonizador, “[...] cumprindo esse desígnio mesmo sem os portugueses, debaixo do guante da velha classe dominante de descendentes dos senhores de escravos que se seguiu a eles no exercício do poder e das novas elites[...].”

Quijano (2009) salienta que habitamos um mundo colonial, que exerce sobre nós uma ‘colonialidade do poder’, mesmo apesar de anos de abolição da escravatura. Corroborando com Quijano (2009) entendemos que

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e da escala societal. (QUIJANO, 2009, p. 73)

Dessa forma, podemos afirmar que a colonialidade é uma criação moderna/capitalista, que reforça os padrões de dominação e poder de uma elite sobre a camada subalterna, nos aspectos ético, social, cultural e econômico. Diante disso, Grosfoguel (2009, p. 35) reafirma que “A colonialidade permite-nos compreender a continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais, produzidas pelas culturas coloniais e pelas estruturas do sistema-mundo capitalista moderno/colonial”.

O autor compreende a colonialidade como aquelas “situações coloniais” praticadas nos dias atuais, oprimindo e explorando os povos política, cultural, econômica ou etnicamente. Na sociedade atual percebemos, infelizmente, que as “situações

coloniais” mencionadas por Grosfoguel estão presentes cotidianamente, vemos padrões explorando seus funcionários economicamente, homens e mulheres se submetendo à exploração sexual, além de inúmeras culturas sendo destruídas.

Em contrapartida a esse movimento colonial surgem os estudos decoloniais, como forma de resistência a opressão realizada sobre os dominados que foram classificados racialmente ao longo da história da América Latina. Mignolo (2017), afirma que as raízes históricas da decolonialidade se firmam durante a Conferência de Bandung de 1955, momento que reuniu 29 países da Ásia e África em busca de um mundo que se mantivesse distante do capitalismo e do comunismo, e descobriram a “descolonização” como direção.

A perspectiva decolonial sugere novas concepções aos sujeitos que vivem no mundo, para que percebam e se livrem das amarras do poder colonial. Para Mignolo (2014, p. 62) “el ‘pensar descolonial’ no es un método a aplicar sino una manera de estar en y pensar el mundo”, mantendo a criticidade no olhar e nas atitudes, para então se libertar das condições de subalternos impostas pela colonialidade do poder.

Mignolo (2009) afirma que

a tarefa do pensamento decolonial é desvelar os silêncios epistêmicos da epistemologia ocidental e afirmar os direitos epistêmicos dos racialmente desvalorizados, e opções decoloniais para permitir que os silêncios construam argumentos para confrontar aqueles que tomam a ‘originalidade’ como o critério último para o julgamento final³ (MIGNOLO, 2009, p. 4).

Portanto, a decolonialidade surge para dar voz aos povos subalternizados, exigindo possibilidades para que os mesmos sejam respeitados e considerados como *gente*, valorizados em suas diferenças e características, sejam elas culturais, étnicas ou econômicas. “La decolonialidad es, entonces, la energía que no se deja manejar por la lógica de la colonialidad, ni se cree los cuentos de hadas de la retórica de la modernidade” (MIGNOLO, 2007, p. 27). Para tanto, é preciso enxergar as amarras do colonialismo, que passa a ser reconhecido como colonialidade no mundo moderno, nas ações dos

³ Texto original: [...] a task of de-colonial thinking is the unveiling of epistemic silences of Western epistemology and affirming the epistemic rights of the racially devalued, and de-colonial options to allow the silences to build arguments to confront those who take “originality” as the ultimate criterion for the final judgment.

dominadores, na brutal atitude de segregar os traços da cultura, da voz, do pensamento daquele que é diminuído, apagado, subalternizado.

A escolha decolonial na visão de Mignolo (2017, p. 31) “não é só uma opção de conhecimento, uma opção acadêmica, um domínio de “estudo”, mas uma opção de vida, de pensar e de fazer. Ou seja, de viver e con-viver com quem acha que a opção decolonial é a sua e com quem tem encontrado opções paralelas e complementares à descolonial”. Assim, pensar decolonialmente se constitui numa luta constante dos povos subalternos contra a colonialidade, que impõe os valores dominantes sobre os sujeitos colonizados, destruindo a cultura, a ética e os valores desse povo.

O intuito decolonial não é apenas retirar a veste europeia dos sujeitos colonizados, mas recuperar os traços perdidos de suas culturas, de seus conhecimentos dilacerados pela atitude colonialista (REIS e ANDRADE, 2018). Penso que essa conquista se torna possível a partir da expansão do movimento decolonial, que vem ganhando força por meio dos estudos e discussões, porém, este ainda não tomou o vulto necessário para modificar as condições de existência dos povos submetidos à decolonialidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do objetivo de discutir sobre a corrente de pensamento denominada pós-colonialismo, colonialidade do poder e pensamento decolonial, tendo este último como proposta para a desconstrução das amarras coloniais e o fim de relações que subalternizam o outro, compreendemos que é preciso desconstruir o pensamento colonial, mediando as discussões sobre a cultura africana e afro-brasileira e sua valorização.

Concluimos, que os campos de estudos como as Ciências Humanas, precisam inserir em suas discussões a concepção decolonial, envolvendo o ensino, a formação e os modos de se fazer ciência, para que aos poucos a decolonialidade venha tornar possível a ascensão/ressurgimento dos povos subalternizados nesse mundo ainda colonizado. “Os desafios do presente e do futuro consistem em poder imaginar e construir uma vez que nos liberamos da matriz colonial de poder e nos lançamos ao vazio criador da vida plena e harmônica” (MIGNOLO, 2017, p. 31).

Alguns questionamentos permanecem nos indagando, seria possível descolonizar o mundo? A escola pode ser descolonizada? E os professores, pensam

decolonialmente? Perguntas como estas são necessárias a toda comunidade educacional, pois esta possui grande responsabilidade quanto a formação dos sujeitos, desde o início na Educação Infantil com as crianças até os adultos no Ensino Superior, e a entendemos como o ceio das discussões sobre a colonialidade do poder, pois forma os sujeitos que serão resistência no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIM, Lucia Osana (Orgs). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3ª ed. Maringa: Eduem, 2009.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (Org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 383-417.

MIGNOLO, Walter D. **Desafios Decoloniais Hoje**. Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu/PR, 1 (1), pp. 12-32, 2017.

_____. Educación y decolonialidad: aprender a desaprender para poder re-aprender – Um diálogo geopolítico-pedagógico com Walter Mignolo. **Revista del IICE**. n. 35, p. 61-71, 2014. [Entrevista concedida a Facundo Giuliano e Daniel Berisso].

_____. Epistemic disobedience, independent thought and de-colonial freedom. **Theory, Culture & Society**, Los Angeles, London, New Delhi, Singapore: Sage, v. 26 (7-8), p. 1-23, 2009.

_____. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura um manifiesto. In: **El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Castro-Gómez, Santiago; Grosfoguel, Ramón (Orgs). Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 27- 46.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (Org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 73-117.

REIS, Maurício de Novais; ANDRADE, Marcilea Freitas Ferraz de. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. **Revista espaço Acadêmico**, v. 17, nº 202, Março/2018.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. 3ª ed. São Paulo: global, 2015.

_____. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.